bibliografia

recensões

CARDOSO, Fernando Henrique — *Política e Desenvolvimento em Sociedades Dependentes* — Rio de Janeiro, Zahar, 1971, 221 p.

Face à exigência básica de compreensão dos mecanismos políticos e sociais de qualquer país, impõe-se a necessidade de um amplo e seguro conhecimento da relação existente entre as ideologias e as estruturas sociais e políticas desses países.

Neste livro F. H. CARDOSO procura tratar principalmente dessas relações aludindo, embora, a outros tantos temas cuja proposição recua séculos na história do pensamento social: relações entre poder e situação económica, entre valores e determinações históricas.

A exposição não obedece a uma reflexão sobre esses temas. Os dois primeiros capítulos podem parecer, ao nível da exposição, um «ensaio de classificação» e, portanto, uma tentativa de sistematização, mas isso significa apenas, segundo o Autor, que eles derivam de investigações anteriores onde a análise permitiu propor esquemas de interpretação. Nos outros capítulos, a exposição segue outro caminho, inspirado directamente pela análise de informações conseguidas através de investigação de campo. Por detrás desta última análise, subsistem vários problemas metodológicos cuja dimensão é apresentada no primeiro capítulo com vista a mostrar a sua significação na problemática actual da ciência política. As questões mais gerais dessa natureza são as relações entre ideologias e estrutura social, poder e situação de mercado e, paralelamente, no terreno pròpriamente metodológico, a possibilidade de vincular uma análise das determinações gerais, ao nível das estruturas a uma análise de verbalizações que expressam opiniões. A este propósito o Autor mostra que o conceito de dependência e a situação a que ele alude ao nível de generalidade em que é apresentado, não basta para delimitar cientìficamente um campo de estudos pelo que se propõe tentar delimitar, precisar e descrever a forma, as condições e as consequências que assume o processo de integração das economias que se estabelecem na periferia do sistema internacional de produção.

Importante contributo para o conhecimento do universo em que se inserem o empresariado brasileiro e o argentino, nele são, daquela forma, analisados com ampla objectividade as suas tarefas e possibilidades reais, assim como as referências ideológicas no sentido de estímulos explícitos para os respectivos campos de desenvolvimento económico.

Em anexo, esta obra de F. H. CARDOSO, insere alguns comentários de carácter prático relativos à tecnologia da colecta e análise de dados, bem como uma bibliografia actualizada sobre os temas em estudo.

José Manuel Rolo

GOFFMAN, Erving — *Asiles* — Les éditions Minuit, (Col. Le Sens Commun), Paris, 1968, 447 p.

Este ensaio aborda genèricamente litárias (total institution), tais como litárias (total instution), tais como prisões, conventos, casernas, hospitais psiquiátricos, etc., focando em especial estes últimos. A definição de instituição totalitária de que parte é suficientemente ampla e rigorosa para nela caberem vários tipos específicos (aparentemente) de I. T.: «lugares de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos, colocados na mesma situação, isolados do mundo exterior durante um período relativamente longo, levam em conjunto uma vida de reclusão cujas modalidades estão explícita e minuciosamente reguladas».

O objecto de análise de «Asiles» é

o universo do recluso encarado do ponto-de-vista deste e analisado numa perspectiva, digamos, etnográfica. Assim, não utiliza os instrumentos habituais de medida ou de prova estatística, relevando os desenvolvimentos analíticos da «observação-participação» que o autor praticou, de forma a poder preencher (teóricamente) o espaço das inter-relações definidas pelos actores no contexto da instituição.

«Asiles» é uma tentativa de construção do referencial próprio do recluso, do seu discurso dentro da instituição, contra a instituição. Abordam as descrições pontuais do quotidiano do internado que, todavia, comportam sempre a referência à totalidade da instituição que constitui, òbviamente, o espaço unitário real da análise. Eoncontra-se neste trabalho não só a explicitação dos comportamentos manifestos do internado, como ainda o perfil do que se situa subjacente: a racionalidade das práticas de adaptação desenvolvidas pelo internado em busca da coerência última no interior do campo institucional.

«Asiles» põe a descoberto as homologias estruturais dos diversos tipos de I. T., apontando a vacuidade das ideologias erguidas em torno de cada uma delas e alinhando-as segundo um *continuum* objectivo, na medida em que constituem meras variações sobre os temas comuns do isolamento e do controle totalitário do indivíduo. O seu modelo teórico procura a reconstrução sistemática da significação das práticas institucionais com base na definição rigorosa das funções sociais próprias às I. T.

Duas rupturas se praticam no espaço teórico de «Asiles». A primeira configura-se relativamente ao mundo exterior à instituição: o isolamento ecológico e humano da unidade institucional no interior da qual a existência é vivida *em negativo* em relação ao exterior «normal». A segunda cinde o conjunto dos internados do pessoal administrativo e terapêutico, ruptura esta que é assim a reprodução, no seio da instituição, da oposição anterior entre o espaço institucional (fechado) e o mundo exterior.

Estas categorias teóricas permitem captar o real-social da instituição, expressam a natureza do processo de adaptação do internado ao universo claustral, onde o compromisso do homem com a instituição supõe a interiorização (compulsiva) da repressão e se salda pela impotência total.

O livro contém quatro estudos que por assim dizer se interceptam, na medida em que todos contemplam o mesmo objecto. Contudo, cada um deles situa o problema diferentemente utilizando uma «approche» sociológica específica. O primeiro estudo, «as características das instituições totalitárias», dá-nos uma exposição genérica das relações sociais no interior destes estabelecimentos de reclusão compulsiva. O segundo, «a carreira moral do doente mental», é a explicitação da gama dos efeitos da admissão sobre as relações anteriores do internado. O terceiro, «a vida clandestina numa instituição pública», analisa o tipo de relações «subterrâneas» geradas pelo internado a fim de criar distância face aos «rôles» que lhe sugerem. Finalmente, o quarto estudo, «o esquema médico tipo e a hospitalização dos doentes mentais» perspectiva a actuação do pessoal médico relativamente ao internado no referente à apresentação a este último dos elementos relevantes da sua situação de recluso.

Eduardo de Freitas

GUIRAUD, Pierre — *La sémiologie* P. U. F. — (Col. Que sais-je?), Paris, 1971, 122 p.

O aparecimento duma ciência nova, a semiologia, tinha sido profetizada no princípio do século por Ferdinand de Saussure, época em que o americano Charles Sanders Peirce considerava já também uma ciência geral dos signos (semiótica) como disciplina autónoma e simultâneamente como quadro de referência indispensável para a multiplicidade dos seus trabalhos nos mais diversos campos do conhecimento.

Sob a designação de semiologia ou de semiótica (esta última herdada de Locke), a nova disciplina foi progressivamente forjando os seus conceitos e reestruturando o seu objecto. Mais isso não significa de forma alguma que os contornos estejam rigorosamente definidos, nem sequer que os conceitos básicos, como o próprio conceito de signo, sejam de formulação e aceitação generalizadas.